

O EFEITO DA CONJUGAÇÃO DO VERBO NA GRAFIA INCORRETA DO GLIDE [W] EM FORMAS VERBAIS FLEXIONADAS

MATTOS, Milena Medeiros¹; MIRANDA, Ana Ruth Moresco²

¹Universidade Federal de Pelotas – Curso de Graduação em Pedagogia; ²Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Ensino. milenamedeiros2009@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo descreve e analisa dados referentes ao registro gráfico da vogal ‘u’ dos finais de verbos que, na fonologia da língua, é assilábica e tem realização variável. A descrição e análise realizada têm como base a morfologia do português brasileiro, considerando, também, aspectos fonéticos e fonológicos das palavras em foco.

De acordo com a abordagem teórica da Sociolinguística Quantitativa ou do Variacionismo Laboviano, a variação sistemática da linguagem humana correlaciona-se a aspectos sociais. Isto é, língua e sociedade estão mutuamente ligadas. Estudos de variação linguística do português falado têm sido realizados no Brasil desde a década de 80 (GUY, 1981; NARO & SCHERRE, 1993), mas estudos que tratam de variação nos processos de aquisição da escrita desenvolveram-se somente a partir da década de 90 (MOLLICA, 1998).

Nos falares brasileiros, as vogais assilábicas [w] dos ditongos, sejam mediais ou finais, de palavras como ‘pouco’ e ‘gostou’, quase não são pronunciadas, nem mesmo em dialetos de prestígio. O apagamento, ou a elisão, fenômeno descrito por pesquisas sociolinguísticas, é facilmente observável na linguagem oral, podendo estender-se também às formas escritas, especialmente no período inicial da aquisição da escrita alfabética. Embora o apagamento da vogal alta ocorra de modo sistemático na oralidade, especialmente em verbos de primeira conjugação, o mesmo não se verifica na escrita das crianças que começam a escrever de acordo com o sistema alfabético.

Para melhor entender o contexto analisado, em que o glide [w] deve ser grafado, são apresentadas algumas considerações importantes a respeito do vocábulo verbal do português, língua na qual os verbos se constituem como uma classe de palavras rica em possibilidades flexionais. Como descrito por Câmara Jr. (1970), a estrutura do vocábulo verbal é composta pelo radical, vogal temática e sufixos flexionais. Os verbos, ainda de acordo o autor, estão distribuídos em três classes mórficas ou conjugações. A primeira conjugação apresenta a vogal temática –a, a segunda a vogal temática –e e a terceira a vogal temática –i.

Quando conjugados, na terceira pessoa singular do pretérito perfeito do modo indicativo, os verbos apresentam a desinência número pessoal –u que forma um ditongo de final de palavra, constituído por uma vogal silábica e uma vogal assilábica [w]. Na pronúncia, essa vogal assilábica, como recém referido, tende a sofrer apagamento quase generalizado, mas, na grafia das crianças, se observa o apagamento em alguns casos, além de substituição do grafema ‘u’ por ‘l’ ou ‘o’, erros que resultam, respectivamente, de motivação fonética e de supergeneralização e se distribuem de acordo com a conjugação a qual o verbo pertence.

O presente trabalho tem o objetivo de mostrar a distribuição das grafias incorretas produzidas por crianças das séries iniciais dos ditongos morfológicos resultantes da flexão verbal, na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do

modo indicativo, de acordo com a conjugação do verbo, a fim de que se possa melhor compreender as escolhas gráficas das crianças.

A hipótese que precede este estudo é a de que os verbos de primeira conjugação estão sujeitos, principalmente, a erros decorrentes de motivação fonética, enquanto que os de segunda e terceira conjugação estão sujeitos, exclusivamente, a erros decorrentes de supergeneralização. Essa distinção ocorre porque a conjugação do verbo, – cantar, escrever ou partir – cria ambientes fonéticos e fonológicos diferentes.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Para este estudo, foram coletados dados pertencentes ao Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita (BATALE). Os textos, coletados em 2009, foram produzidos de maneira espontânea por crianças de primeira a quarta séries dos anos iniciais de duas escolas públicas da cidade de Pelotas.

Foram consideradas apenas as escritas classificadas como silábico-alfabéticas ou alfabéticas, o que resultou em um total de 485 textos. Deste material, foram extraídas todas as formas em que se observava o contexto a ser analisado, tanto em suas formas corretas como naquelas incorretas, totalizando 2.949 palavras. Destas, 91% grafadas de forma correta e 9% de forma incorreta.

No presente estudo, em que se distribuem os verbos de acordo com a conjugação a qual pertencem, serão computadas somente as formas incorretas, visto que estas é que fornecem dados para análise das variações.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados mostrou que o número de grafias incorretas é pequeno em relação ao de grafias corretas, com maior ocorrência concentrada na primeira série e diminuição gradativa nas séries seguintes. O levantamento realizado mostra que os erros estão assim distribuídos de acordo com a sua conjugação: 64% para a primeira; 20% para a segunda; e 16% para a terceira.

Os verbos de primeira conjugação apresentam maior número de grafia incorreta por terem maior ocorrência na língua. O uso da primeira conjugação é a preferencial, tanto que, se verbos forem criados, serão de primeira conjugação.

Uma hipótese explicativa para o grande número de acertos na grafia dos verbos flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo é que, mesmo no início da escolarização, as crianças já percebem a existência do morfema possivelmente por influência da tonicidade presente na sílaba final desses verbos (/’kaNto/ é diferente de /kaN’tou/). Deve ser considerado também que, além de perceberem a informação morfológica, nesse caso o sufixo número pessoal –u, desde o início da aquisição as crianças levam em conta o fato de que estão adquirindo um sistema que, apesar de semelhante, não é idêntico à sua base fonológica (ABAURRE, 1991).

O estudo revelou, também, que as crianças usam diferentes estratégias para a grafia dos ditongos morfológicos derivados da flexão verbal no referido tempo e modo. Os casos mais frequentes são os de substituição, seguidos dos de apagamento.

No primeiro caso, a criança pode estar fazendo a supergeneralização de uma regra ortográfica aprendida e as escolhas gráficas levam a formas como ‘vil’, ‘vio’ e ‘descomfiol’ para ‘viu’ e ‘desconfiou’, respectivamente. No segundo, pode

estar orientada pela forma fonética da palavra e assim a criança tenta reproduzir na escrita a forma que corresponde mais diretamente à fala, como se observa nas grafias 'fico' e 'transformo' para 'ficou' e 'transformou', por exemplo.

A análise dos dados distribuídos de acordo com a conjugação dos verbos, foco deste trabalho, mostrou que nos verbos de primeira conjugação o número de palavras em que a criança faz apagamento do grafema 'u' é maior em relação aos casos em que ela faz a substituição do grafema 'u' por 'l'.

Os verbos desta conjugação não apresentam erros de substituição pelo grafema 'o', conforme exemplo apresentado na Tab. 1. Uma característica da escrita infantil, desde a fase de aquisição, é a de utilizar o critério de variedade de caracteres (FERREIRO e TEBEROSKY, 1984), evitando sequências idênticas.

Tabela 1 – Distribuição dos erros de acordo com a conjugação dos verbos

| 1ª conjugação – cantar | | 2ª conjugação – comer | | 3ª conjugação – servir | |
|------------------------|----------------------|-----------------------|--|------------------------|--|
| u → ∅ | canto | *come ¹ | | *servi ¹ | |
| u → l | cantol | comel | | servil | |
| u → o | *cantoo ¹ | comeo | | servio | |

É importante observar que, nos casos em que a criança faz apagamento, ela não está criando homônimos – palavras com escrita ou pronúncia iguais, mas com significado diferente – com a forma verbal flexionada na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo /'kaNto/, pois essas formas apresentam a tonicidade da sílaba como fator distintivo, conforme exemplos na Tab. 2, 'tou' para os verbos da 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e 'can' para os da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

Tabela 2 – Efeito da tonicidade

| |
|---------------------------------------|
| Ele cantou na festa da escola. |
| Eu can to no coral. |

Nos verbos de segunda conjugação, apresentados na Tab. 1, o número de palavras em que a criança faz a substituição do grafema 'u' por 'o' é maior em relação aos casos em que ela faz a substituição pelo grafema 'l'. Observa-se nos verbos de segunda conjugação, a probabilidade zero de erros de apagamento do grafema 'u', conforme exemplo na Tab. 3, uma vez que o apagamento desse grafema criaria a forma homônima /co'mê/, da forma falada dos verbos não flexionados, gerando perda de informações importantes para o vocábulo verbal, como a informação de pessoa e tempo.

Tabela 3 – Perda de informação do vocábulo verbal

| |
|--|
| Ele comeu chocolate. |
| *Ele come chocolate. ¹ |

Nos verbos de terceira conjugação observam-se resultados semelhantes aos da segunda conjugação, com número de erros de substituição por 'o' maior em relação a erros de substituição por 'l'. Para os verbos desta conjugação também é improvável o apagamento do grafema 'u', como apresentado na Tab. 4, visto que isso criaria a forma homônima /ser'vi/, neste caso derivada dos verbos flexionados na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, gerando perda de informações, como a pessoa do verbo, nesse caso a 3ª pessoa - ele.

Tabela 4 – Perda de informação do vocábulo verbal

¹formas gráficas não encontradas na escrita infantil.

| |
|---------------------------------|
| Ele serviu bolo aos convidados. |
|---------------------------------|

| |
|--|
| *Ele servi bolo aos convidados. ¹ |
|--|

4 CONCLUSÃO

O estudo mostrou que, mesmo sendo pequeno o número de grafias incorretas encontradas para o ditongo morfológico de final de palavra derivado da flexão verbal na terceira pessoa do pretérito perfeito do modo indicativo, há uma variedade de escolhas gráficas a serem observadas, as quais parecem indicar a influência de fatores que envolvem morfologia e fonologia.

Encontramos nos dados casos em que a escrita da criança apresenta erros originados de motivação fonética ou supergeneralização, denominados apagamento e substituição por 'l' ou 'o', respectivamente.

Ficou evidente que a conjugação a qual o verbo pertence tem caráter restritivo no momento da escolha do grafema a ser utilizado.

A análise dos dados vem a confirmar a hipótese inicial de que os verbos de primeira conjugação estão sujeitos, principalmente, a erros decorrentes de motivação fonética, enquanto que os de segunda e terceira conjugação estão sujeitos, exclusivamente, a erros decorrentes de supergeneralização.

Foi possível observar, também, que as crianças, em suas escolhas, nunca se utilizam de formas que afetem a inteligibilidade da palavra, como nos casos em que o apagamento geraria palavras homônimas, causando perda de informações relevantes para os verbos.

Na continuidade deste estudo pretende-se observar os erros distribuídos de acordo com a conjugação do verbo em cada série dos anos iniciais separadamente, além de incorporar aos dados dos vocábulos verbais flexionados na terceira pessoa do pretérito perfeito do modo indicativo outras palavras, de diferentes classes gramaticais, em posição medial e final de sílaba, a fim de contemplar o tema proposto para a pesquisa das estratégias utilizadas por crianças de anos/séries iniciais para grafar o glide [w] de ditongos em posição medial e final de palavras.

5 REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. **Boletim da ABRALIN**, Campinas, v.11, p.203 - 217, 1991.

CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, [1970] 1988.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, [1984] 1999.

GUY, G. **Linguistic Variation in Brazilian Portuguese**: Aspects of the phonology, syntax, and language history. University of Pennsylvania PhD dissertation. Sydney University, Department of Linguistics, 1981.

MOLLICA, M. C. **Influência da fala na alfabetização**. Rio de Janeiro: Tempo Bras., 1998.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Variação e Mudança Lingüística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. **Cadernos Estudos Lingüísticos**, Campinas n. 20: p. 9 - 16, 1991.